

A Performance da Memória e a Leitura do Mundo

The Memory Performance and the World Reading

Zeca **LIGÉRO**

Professor Associado da UNIRIO
e Coordenador do Núcleo de
Estudos das Performances
Afro-Ameríndias (NEPAA).
Atualmente é o curador do
Acervo Augusto Boal na UNIRIO.

Ensaio recebido em 22/04/2013
Ensaio aprovado em 10/05/2013

Este texto apresenta caráter
ensaístico, uma espécie de
“performance da memória”, para
ficarmos com as palavras de seu
autor. Disso advém o seu estilo
mais aproximado do relato e
menos rígido no que diz respeito
às normas técnicas para trabalhos
acadêmicos [Nota do organizador
do número].

Resumo

A memória é vista como performance, pois está em um contínuo processo de elaboração de materiais, captados como espectador, reprocessados, reelaborados e reapresentados como novo, alternando-se então, o aparente papel passivo do espectador. Este transforma-se em narrador, autor e performer dos mesmos materiais. Neste ensaio, são utilizados exemplos de como as performances culturais marcam a primeira infância, informando sobre o mundo ao apresentar a riqueza das tradições. É discutido o papel da imagem gráfica neste processo de leitura do mundo (microperformances), analisando-se alguns heróis em quadrinhos e o álbum *Raças e Costumes do Mundo Inteiro*. Os dois materiais veiculam também um processo de ensino sobre a hierarquia e os sistemas de divisão entre classes e continentes, dentro de uma visão eurocêntrica do mundo.

Palavras-chave: Memória; Performance; Infância.

Abstract

The memory is considered as performance, for it is in a continual process of elaboration of materials, raised as a spectator, reprocessed, reworked and represented as a new material, alternating then, the apparent spectator's passive role. The spectator becomes a storyteller, author and performer of the same materials. In this paper, are investigated as the culture's performances mark the first childhood, telling about the world to present the richness of the traditions. Is discussed the role of the graphic images in this process of world's reading (*microperformances*), analyzing some comics heroes and the album *Raças e Costumes do Mundo Inteiro*. The two materials also discuss a teaching process about the hierarchy and the systems of division between social class and continents, in a Eurocentric perspective of world.

Keywords: writing, folk medicine, performance.

*Minha infância é meu país
Quando mais longe vou mais perto chego
dos primeiros olhares
A memória dos meus sentidos antes da herança
das palavras e das imagens aprendidas
A dança passou pela minha porta e eu corri atrás
dela, antes mesmo de encontrar as palavras*

(Zeca Ligiéro, Joinville, 2012).

Para continuar as muitas coisas que me davam realmente prazer na infância eu crio, somente dou prosseguimento a elas quando estou criando. Portanto, este ensaio procura também dar conta da experiência de criar como forma de reencontrar sentimentos interrompidos pela pressa de crescer e a pressão para se integrar no mundo.

A gente conta a mesma história com momentos diferentes de lembrança. Eventualmente, ao longo de nossas vidas, mudamos nosso ponto de vista sobre as mesmas lembranças e recontamos as histórias com novos sentidos e nova compreensão das mesmas. As lembranças parecem ter cargas diferentes e parecem habitar diferentes partes do cérebro. Como não sou propriamente um cientista, proponho-me a investigar com as ferramentas de que disponho, os estudos da performance. Este ensaio procura, portanto, investigar como as reminiscências se parecem com as performances. Se, primeiramente, somos os espectadores das performances culturais ou artísticas, ao final das mesmas, consciente ou inconscientemente, escolhemos uma ou várias partes dos momentos que vivenciamos e os transformamos em memória pessoal. A memória, contudo, não é algo morto, ela está viva e se estabelece como uma cena curta, uma microperformance ou longa interveção, como um enredo dramático ou cômico. Nesta nova situação, saímos do papel de espectador e passamos a ser simultaneamente o narrador, o protagonista e o autor.

Algumas lembranças carregamos dentro de nós. Outras, como as imagens que acompanham a nossa história de vida, sobrevivem ao tempo porque são reproduzidas mecanicamente em vários países e ajudam a fazer entender que nosso livre-arbítrio é também relativo porque, concomitantemente ao nosso sentir, uma memória coletiva é engendrada pela indústria cultural. Neste ensaio, ocupo-me apenas do impacto das imagens, a partir das histórias em quadrinhos dos heróis norte-americanos, sobre as crianças da minha geração e, a partir do álbum de figurinhas, Raças e Costumes do Mundo Inteiro, que colecionei avidamente, e com o qual pude viajar para distantes países, conhecendo seus hábitos e sua gente e criando dentro de mim um repertório de cenas, tipos e enredos, imaginando comportamentos muito diferentes dos meus, mas que muito me estimulavam a querer saber mais, sobretudo, a respeito dos africanos e ameríndios.

Quero também entender como as lembranças mais profundas do convívio com os festejos populares e rituais religiosos da infância permanecem para o resto de nossas histórias de vida. Por sua vez, o primeiro contato com o mundo das imagens também é de suma importância, pois é o momento inicial de impacto de uma avalanche de narrativas pesadas, que virão pela frente, enaltecendo tipos de comportamentos homofóbicos, racistas, sexistas, calcados em uma visão idealizada anglo-saxônica, em que a violência parece ser o único elemento natural do ser humano.

Para melhor entender o assunto, mergulho nas lembranças da minha infância, na esperança de, ao examinar a particularidade de uma história pessoal, possa, de alguma maneira, revelar traços que pertençam a uma geração de jovens vindos do interior para a cidade grande. Juventude que, talvez, possa representar também uma geração de brasileiros, de latinos, de afro-ameríndios.

Os quatro cantos do mundo

O certo é, como tenho repetido em minhas histórias pessoais – antes do cinema, da televisão e mesmo do rádio – dois tipos de performance marcaram definitivamente minha infância como espectador. Primeiro, as performances culturais como o circo, a escola de samba, a folia de reis e a procissão católica. Depois, a outra, estou procurando percebê-la como performance, embora não pertença propriamente ao mundo da performance viva: refiro-me ao poder energético da imagem. Imagens gráficas, fotos de revistas e quadrinhos que diariamente me traziam uma rica e surpreendente mitologia, com as quais eu interagia mesmo antes de aprender a ler, e que aqui, experimentalmente, chamo de micro-performances: fragmentos de comportamentos capazes de influenciar e estimular reações espetaculares.

As performances culturais ativavam todos os meus sentidos. Enquanto as imagens avivavam minha imaginação. Meu objetivo aqui é examinar o impacto de cada uma delas, mais de 50 anos depois. Estávamos entrando na segunda metade do século XX, mas eu

vivia ainda na época do Brasil rural do final do século XIX, numa pacata e isolada cidade do Norte Fluminense.

A boca do circo e a coxa da dançarina

De todos os circos que passaram pela minha cidade, fui marcado, sobretudo, pelo Circo Irmãos Campagnoli, por varias razões. Estacionado no terreno em frente à praça principal da cidade ao lado da morro da Igreja, o circo centralizava as atenções de todos. Suas performances quebraram o cotidiano da pacata cidade. Primeiro, os números hilários da dupla, Fernando (o apresentador) e Teteia (o palhaço). Acompanhados por um cachorro de pano, impagáveis, os três. O grande impacto, entretanto, foi Adelaide, o diabo loiro, a primeira mulher de pernas de fora dançando e incorporando uma rumberia, vestida com aqueles babados todos, solta e insinuante a poucos metros dos meus olhos. Havia também uma outra menina, de cujo nome não me lembro, que, sobre uma bola grande de prata, subia e descia uma rampa de madeira, era um dos mais lindos números que tinha visto! A menina tinha a minha idade, sete ou oito anos, e fazia aquilo com uma calma impressionante. Restava, ainda, a grande atração, o circo-teatro: “O céu uniu dois corações”, “O direito de nascer”, “O ébrio”.

Os moradores receberam tão bem o circo que este ficou lá por muito mais tempo. Para mim, passou a fazer parte do local para sempre. A cidade que passou a habitar a minha mente, como lembrança do que vivi naquela época, tem sempre o circo, não o prédio horrível, que foi construído lá para abrigar a prefeitura alguns anos depois. Quando o circo partiu, deixou uma tristeza enorme. Todos, como eu, queriam ir embora com ele, em busca daquele universo mágico. Foi a primeira vez que vi dramas encenados por palhaços, bailarinas e trapezistas. Como os atores eram meus vizinhos, pude, pela primeira vez, conviver um pouco com artistas no seu dia a dia e depois vê-los sobrevoando o céu da lona ou dançando e cantando as músicas latinas que eu passei a amar desde então.

A dança do corpo negro

No carnaval, a monotonia da cidade era quebrada novamente. Depois de ouvir o rufar dos tambores ao longe, corria para a janela da sala e ficava esperando passar a Escola de Samba Unidos do Rosário. A escola era pequena, umas 20 ou 30 foliões, e mais uns dez músicos. Quase todos afro-desendentes. Comandada pelo Luiz Paca, branco, sapateiro de profissão e fundador do Clube Bola Preta – criado com os negros que não podiam entrar no Clube Recreativo e Esportivo Lajense, reservado para as seletas famílias da cidade (brancas). A Escola de Samba era um festival de cores, ritmos, odores, brilhos e passava bem na hora em que eu deveria ir para cama. Eu, porém, despertava. Possuía sempre uma sacola cheia de serpentinas coloridas e outra repleta de confeti. Brincava de jogar ora um, ora outro, mas não iam muito longe. A sorte é que a janela era alta e os meus petardos caíam sobre o desfile Contemplava o confeti grudando naqueles corpos suados, vestindo sempre roupas coloridas de cetim

em vermelho, preto, azul, amarelo... No meio do desfile, destacava-se a principal (única?) passista, a carioca que todos batizaram como “Tirolesa”. Talvez no Rio, ela fosse mais uma em qualquer escola. Lá, era uma rainha, ou melhor a “rainha do samba”. Tirolesa vinha do Rio para abrilhantar a escola, era uma mulher gorda, suada, linda, que tinha um perfume incrível e que rodopiava e dançava como ninguém. Para mim, “tirolesa” era alguma coisa que servia de sinônimo para beleza negra. Apenas muito mais tarde, fiquei sabendo que “tirolesa” é a mulher do Tirol. Então, soube que assim passou a ser chamada por causa de uma fantasia que ela havia usado em um dos seus primeiros carnavais quando trocou o carnaval do Rio pelo da nossa cidade. Para mim, Tirolesa e Adelaide eram as mulheres mais lindas do mundo! Porque tinham uma liberdade com o corpo que nunca havia visto naquele lugar. Cada uma deixava o prazer fluir em seus gestos e movimentos, o corpo vibrava em alegria e tinham algo que, desde logo, aprendi com os foliões e brincantes: justamente uma capacidade enorme de brincar. Seus corpos acreditavam na liberdade como algo possível. Sim, o corpo brincava com música, dança, com quem estava em volta e com quem assistia. No picadeiro forrado com serragem ou com palha de arroz ou no palco das tábuas machucadas de tanto serem montadas e desmontadas ou ainda sobre a rua de terra, cuidadosamente molhada um pouco antes do desfile, para não levantar muita poeira, afim de garantir uma melhor performance do samba. Essas mulheres reinavam, cada uma, no seu elemento.

O ritual da dor do fim

Já a lembrança das procissões católicas remete a um outro tempo, embora cronologicamente, ele transcorresse concomitantemente às experiências narradas anteriormente. Era o momento em que o Sagrado saía do seu templo amplo, plantado no alto, de onde, soberano, reinava sobre a cidade para performar suas relíquias, antigas imagens desbotadas, mas vestidas com tecidos vivos, de cetim, veludo, com perucas de cabelo natural para os espectadores, fagocitando-os para dentro do cordão, com a voracidade da fé das irmandades e seus fiéis apaixonados. Os santos, embalsamados em incenso, saíam para o seu passeio noturno, expondo-se ao sereno da noite, para juntos caminharem, lado a lado, com os fiéis, filhos. Neste momento singular, os moradores da rua de baixo, bem como os da de cima, todos os descendentes dos fundadores enfileiravam-se em cortejo. Depois vinham os negros, descendentes dos antigos escravos daqueles senhores, alguns ainda que vestidos com a melhor roupa, continuavam descalços, vindos do alto dos morros onde moravam, para se juntarem à grande jibóia santa. Para, lado a lado de quem os oprime, caminhar como filhos de um único Deus.

As imagens sempre sérias, compenetradas, mostrando o sofrimento eterno, o sangue em borbulhas, machucados abertos, a dor contida e sem grito, para que lembrássemos o Deus que protege os que sofrem por que Eles esteve também numa situação desesperadora. A procissão de *Corpus Christi*, a mais concorrida, era também a mais dramática. Com Madalena, seus cabelos longos segurando a toalha com seu rosto pintado nela, como se fosse

possível pintar um retrato com lágrimas de arrependimento. Tudo causava-me estranheza e uma sensação da beleza do horrível.

Patético, era ainda o enfermeiro do posto de saúde que aplicava vacina de praxe nos recém-nascidos e o açougueiro, que gostava de briga de galo, compondo o coro de centuriões romanos, com um saiote que deixava entrever suas pernas cabeludas, em volta do Senhor. Todos vestidos em roupas prateadas, carregando um elmo na cabeça. Cristo, também representado por alguém que não expunha o rosto, talvez tão concentrado em sofrer, ou por pura timidez ou ainda devido a tamanha quantidade de cabelo da peruca com uma enorme coroa de espinhos. Era bonito ver a performance da seriedade, a cantoria das ave-marias acompanhada do repicar dos sinos. Quase sempre encerrando o cortejo, vinha a Banda de Música XV de Novembro, toda uniformizada em cáqui com detalhes em vermelho e botões dourados, tocando aqueles dobrados tristes e fúnebres. Nas duas filas indianas, cada fiel segurava uma vela. Em um ano qualquer daqueles, tivemos a visita dos Capuchinhos que introduziram a novidade do castiçal de bambu com papel celofane vermelho e amarelo, em forma de cone em torno da vela. A procissão ganhou uma dimensão fantástica, espixando-se nas ruas mal iluminadas, como uma cobra de luz e som.

Quando não podia participar, às vezes, deitado no meu quarto, no silêncio da noite, ouvia o ricochetear do som trazido pelas águas do rio Muriaé, que também sinuoso como a procissão, trazia a cantoria para bem perto da minha lembrança. Presenciei, muitas vezes, a interrupção da procissão para passagem de um veículo. Juvenal, o louco, então começava a apitar freneticamente como um guarda de trânsito de cidade grande para um ou outro carro, da meia dúzia que existia na localidade. No carnaval, seu apito se confundia com os vários apitos da Escola de samba, do boi pintadinho¹ e do mineiro pau². Era um momento em que o louco parecia liderar alguma coisa que escapava do controle, naquela cidade marcada pela separação de classes e raças, pelo autoritarismo das famílias e da igreja católica.

Consideração avulsa

Naturalmente, estas performances têm origens diferentes e pertencem a múltiplos contextos, mas, dentro da minha ótica infantil, este era o mundo que chegava de fora e que não pertencia propriamente ao da minha família, que fazia questão de se distinguir dos pobres, dos negros, das manifestações populares, que se dizia católica, embora não frequentasse a igreja. Essas performances, de alguma maneira, passavam pela minha porta e eram visíveis a todos, enquanto manifestações públicas. Eu participava delas como espectador.

As imagens do mundo no embornal

Quase na mesma época, comecei a entrar em contato com o mundo das imagens gráficas, impressas nos almanaques: Capivarol, Fountoura, etc., que chegavam na farmácia do meu avô anunciando novos produtos e remédios com lindas mulheres na capa. Ainda mais poderosas,

1 | O boi pintadinho é descendente do bumba meu boi ou mesmo uma variação deste, presente no norte fluminense. É acompanhado de uma mulinha e de um conjunto de músicos e dançantes.

2 | É uma manifestação em cortejo, formada por duas filas que entoam uma questão enquanto batem o bastão no chão, intercalando com o companheiro da frente, de trás ou do lado, a batida entre bastões. Muito popular no norte fluminense, aparecia principalmente nos festejos carnavalescos.

as revistas de histórias em quadrinhos que mais me informavam sobre os perigos do mundo numa linguagem que me fascinava, eram trazidas por meu pai quando viajava – ele, que também gostava de lê-las. Não havia banca de revistas na cidade, estas eram também trazidas por um senhor grisalho, a barba sempre por fazer, com um boné na cabeça, muito falante, que tinha o apelido de Pepino, e se vestia invariavelmente com uma roupa cáqui cheia de muitos bolsos. Vinha repleto de coisas para vender: além de embornal, mochilas, tinha cestas abarrotadas de produtos. Ele vinha de Itaperuna, RJ, no ônibus das 9h30 e partia no das 15h30, que vinha de Muriaé, MG. Descia na praça e vinha caminhando para a rua de baixo – a rua tinha o nome imponente de um dos três José (Garcia Pereira, Ferreira César, Bastos Pinto), fundadores da antiga comarca de Nossa Senhora da Piedade de Laje do Muriaé, mas o povo conhecia mesmo como “rua de baixo” e “rua de cima”. Havia mais uma rua que não entra nesta história, que é a “rua do sapo”. E lá vinha o Pepino, carregando as suas frutas, revistas e jornais, gritando: “Maçã, uva, pera... (elas vinham embrulhadas num papel roxo macio e como cheiravam bem!); “Olha o Cruzeiro, Fatos e Fotos, olha o bilhete premiado, loteria federal...olha o Gibi; quem vai querer?”. “Gibi”, era esta a palavra mágica. Queria ver as revistas, queria folheá-las, elas tinham até um cheiro bom... descobrir o que estava acontecendo com os meus heróis em suas lutas diárias contra os índios, os bandidos, as tribos guerreiras, os piratas. Da mesma forma que as notícias chegavam sobre a construção de Brasília, explicavam como foi possível Martha Rocha perder o concurso de Miss Universo, eu queria saber o que estava acontecendo com Zorro, Fantasma, Tarzan... eles estavam tão vivos na minha imaginação! Mesmo antes de aprender a ler, via a revista toda, várias vezes e, depois, pedia para alguém ler as descrições e os diálogos para melhor entender o que se passava. Como na época, nunca ninguém me alertou para aquela ficção tendenciosa e parcial. Demorei muito tempo para me desapegar dos meus heróis exploradores de negros e índios. Achava que era natural toda discriminação, pois, afinal, eles eram parte de um mundo mais primitivo e selvagem. Se os heróis não ligavam muito para suas eternas namoradas, era porque sempre estavam muito ocupados defendendo a ordem deste novo mundo (colonial? Capitalista? Não tinha a menor ideia do que era isto!)

A bala de prata, o golpe de magia e o soco de caveira

Meus heróis favoritos eram (não necessariamente nesta ordem): Zorro, Fantasma e Mandrake. Havia outros também: Flash Gordon, Capitão América, Roy Rogers... Gostava também do Tarzan. Alguns traziam uma visão incrível da África como o continente habitado por animais ferozes e tribos perigosas, antropofágicas e que tinham implicância com os visitantes estrangeiros (não entendia quem eram os colonizadores que vinham pegar terras e riquezas dos africanos e indígenas). Claro, nestas histórias havia bons africanos também, os que sempre ajudavam os heróis americanos ou europeus (brancos). Enquanto outros, muitos representados como os maus, ajudavam os bandidos e os piratas. Entre os ajudantes dos

meus heróis favoritos estava o pequeno Guran, de uma tribo desconhecida de Bandar, chefe dos pigmeus e protetor das florestas de Bangala (os nomes referem-se ao Congo, Angola mas também misturam-se com os da Índia.)

O outro herói, Mandrake, contratou (não se sabe com que salário) Lothar para ser seu eterno segurança pessoal. Em qualquer lugar onde andava, o mago estava sempre com seu impecável fraque, cartola e capa negra, enquanto o seu guarda costa, grandalhão e careca, algumas vezes com seu gorro muçulmano, vestia-se apenas com um short, *colant* e uma camiseta de leopardo com somente uma alça, além de permanecer descalço, mesmo quando visitando países frios da Europa³. Mandrake o conheceu durante suas viagens à África. Lothar era “Príncipe das Sete Nações”, uma poderosa federação de tribos da selva, mas absteve-se de tornar-se rei para acompanhar o Mandrake em suas viagens pelo mundo. (Será que Mandrake fez alguma de suas mágicas ou foi feitiço mesmo?). Estreou nos quadrinhos junto com o patrão em 1934.⁴

É claro, que as primeiras imagens da África na minha mente foram produzidas pelos desenhistas dos quadrinhos. Era um continente de florestas densas e perigosas, com grandes rios repletos de crocodilos e enormes cobras, leopardos e leões, animais guerreiros e sanguinários. Uma África imaginada pelos norte-americanos que nós, latino-americanos, acostumamo-nos a consumir e adotar como sendo de nosso próprio imaginário.

Outro herói importante era o Zorro, que, nos Estados Unidos, chamava-se Lone Ranger.⁵ Um policial do faroeste que usava balas de prata e uma máscara negra para combater a assaltantes de bancos e de trens. “Peles vermelhas” insurgentes que roubavam diligências de ricos comerciantes. Zorro tinha como ajudante (era um empregado, mas agia como amigo protetor) um índio chamado Tonto, que tinha os cabelos longos e a roupa de couro com franjas. Por que ele era chamado “Tonto”? De “tontería”, que significa “bobagem”, em espanhol, ou “tonto” (bêbado) em português? Ou os dois? Um herói branco norte-americano vindo do Texas, cujas terras foram tomadas dos índios mexicanos e incorporadas ao território norte-americano após sucessivas guerras desiguais.

Nas revistas dos meus heróis, existia sempre a idealização de um amigo protetor (negro e/ou índio) que se ocupa da parte pesada do trabalho, como carregar malas, selar cavalos, montar sentinela à noite, etc. Em todos os casos, os africanos e ameríndios são empregados apresentados a serviço dos heróis euro-americanos. Estas ideias são mostradas com uma hierarquia natural, fruto de um processo evolutivo das sociedades, na qual o europeu ou norte-americano representava o conquistador, o colonizador que vai promover o progresso econômico. E, finalmente, promovendo uma harmonia social. Essa ordem lutava contra os bandidos perigosos, piratas, mal feitores, ladrões, etc. Geralmente representados como negros e índios sempre mais feios que os heróis. Foi desta forma que fui iniciado às culturas africanas e ameríndias, antes mesmo de conhecer a quinta-essência desta ideologia exportada por Hollywood e imposta no mercado ocidental de distribuição de filmes.

3 | Mandrake criado por Lee Falk (que também criou o Fantasma), em 1934, e desenhado por Phil Davis e distribuído pelo King Features Syndicate.

4 | <http://www.toonopedia.com/mandrake.htm>

5 | *The Lone Ranger* é um famoso *cowboy* fictício do rádio, cinema e televisão, criado por George Washington Trendle e equipe, e desenvolvido pelo escritor Fran Striker. A palavra *Ranger* causou dificuldades de tradução já que o significado original (policial rural do Texas) não fazia sentido em português. Nas versões mais recentes, o *cowboy* é chamado de “O Cavaleiro Solitário”, mas, no Brasil, ficou conhecido durante muitos anos pelo nome de Zorro (outro personagem, herói de capa e espada) e, em Portugal, como Mascarilha, dada a máscara negra que nunca tirava do rosto. *THE LONE RANGER: NOW AND FOREVER (Dynamite Entertainment) – Edição especial. Universo HQ*, Português. Página visitada em 28/01/2010. Para não haver confusão, a EBAL publicava, na capa, *Zorro Capa & Espada*, para diferenciar do “Zorro” caubói (verdadeiramente conhecido como *The Lone Ranger* ou “Cavaleiro Solitário”), que a editora também publicava na mesma época. Em meados dos anos de 1980, a EBAL encerrou suas publicações.

Outra coisa que me marcou, nesta primeira infância, foram os álbuns de figurinhas. Era uma forma de conhecer o mundo que ia além das “grandes” cidades de Itaperuna e Muriaé, as mais próximas (e distantes) que eu conhecia. Se com o álbum “A locomoção através dos tempos” (Vecci, 1958)⁶ eu pude imaginariamente viajar para outras épocas e cidades, foi o álbum “Raças e Costumes do mundo inteiro” (Vecci, 1958) que me ensinou sobre a diversidade das etnias e seus distintos comportamentos. Ainda que muitos fossem desenhos da pura imaginação de seus autores, outros nitidamente eram cópias de fotografias que apresentavam os contextos de países e regiões, seus trabalhos e suas formas de se vestir. O álbum publicado em 1958, possivelmente, refletia ainda um mundo dos anos 40 ou mesmo dos anos 30, presente naquele imaginário, um mundo fortemente rural e com traços identitários bem característicos. Certamente, era de antes da 2ª guerra, embora os mapas físicos já refletissem a divisão do mundo pós guerra. Pelos tipos humanos encontrados, contudo, constituíam um mundo lindo e multicultural, harmônico, como uma exposição colonial destas que foram organizadas na Europa, mostrando os pavilhões de mundos distantes a exemplo da que maravilhou Artaud, quando viu a apresentação dos dançarinos de Máli no pavilhão daquele país na Feira de 1932. Graças ao milagre da Internet, consegui readquirir um álbum completo e pude revisitar este “tesouro da juventude” (título da primeira enciclopédia que comecei a ler, alguns anos depois coleções, no começo da adolescência). Hoje, re- lendo algumas descrições é possível perceber claramente os preconceitos para com os “povos primitivos” africanos e ameríndios. Por exemplo: Nele aprendi a ver o mundo, com uma variedade de etnias, havia um.

Em suma, eu aprendi que:

- Africanos são culturalmente atrasados, rebeldes ou submissos, selvagens, bons como guarda-costas, macumbeiros;
- Indígenas representam uma etapa cultural mais baixa, preguiçosos, com tendência ao vício do álcool e às crenças fetichistas além de ingênuos;
- Europeus (Gregos), finalmente, erigem como a combinação de atletismo, com a criação das artes e da literatura, o ideal da beleza perfeita, o teatro clássico, a criação da filosofia e das ciências, o desenvolvimento completo da cultura, a evolução: cultura superior!

Enquanto as performances culturais trouxeram para mim um referencial de verdade e liberdade corporal, as micro-performances, como jogos mentais em que me percebi enredado e manipulado pela realidade artística dos estereótipos da cultura midiática, nos

seus primeiros passos em meados da década de cinquenta. Somente muito tempo depois, percebo-as como performances da memória, indicando-me um vocabulário para ler o mundo. Muitas dessas memórias, continuam como referências e como portos-seguros, reconhecidos por mim como minha própria expressão e meus próprios desejos. Outras, parte de uma herança cruel de opressão veiculada pela indústria cultural que se implantava no Brasil no período precedente à era Vargas.

